

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 39 jul-dez 2018 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *As ruelas de Delft* pintada por Johannes Vermeer em 1658.

TRACTATUS THEOLOGICO-POLITICUS:
SPINOZA E SUAS HERESIAS

Ravena Olinda Teixeira

Doutoranda, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

ravenaolinda@usp.br

RESUMO: O presente texto tem como objetivo apontar algumas das razões pelas quais Spinoza foi considerado um herege. Acreditamos que as três principais razões que colaboraram para essa interpretação do seu pensamento estão contidas mais explicitamente no *Tratado Teológico Político* do que em sua principal obra filosófica, a *Ética*. Ademais, o *Tratado Teológico Político* teve maior alcance entre o vulgo, pois era o objetivo de Spinoza que a obra tivesse a maior repercussão possível e influenciasse no conflituoso cenário político e religioso de sua época, ao mesmo tempo em que a *Ética* permanecia confinada entre as mãos dos seus amigos e leitores mais próximos.

PALAVRAS-CHAVE: Spinoza; Filosofia; Religião; Teologia; Heresia.

INTRODUÇÃO

Albert Einstein, quando questionado pelo rabino Goldstein sobre sua crença em Deus, respondeu sem hesitar: “Acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens.” (GOLGHER, 1991 p. 304) Ora, então vocês perguntam: quem era esse Spinoza? Benedictus de Spinoza, como é conhecido hoje, é uma versão de seu nome em latim adotada somente depois dos seus 24 anos. Seu nome era Baruch de Espinosa, sua família era de Portugal, mas só encontraram a paz necessária ao se estabelecer em Amsterdã, na Holanda. Um homem do século XVII, um judeu de origem e de formação, mas um livre pensador por escolha.

Benedictus de Spinoza nasceu em uma família de judeus, e seu pai o educou para tornar-se rabino, ou seja, Spinoza estudou para ser um mestre da religião judaica, e aprendeu de maneira exemplar a língua e as escrituras de seu povo; porém, após a morte do pai e depois de ter iniciado os estudos de Latim e de Filosofia, suas ideias, fortemente influenciadas por Descartes e por outros filósofos, físicos e matemáticos, não correspondiam mais ao que era pronunciado dentro da sinagoga de Amsterdã. Sendo assim, em pouco tempo, Spinoza tornou-se um incômodo e, por não querer retratar-se por suas ideias, foi literalmente excomungado do mundo judaico em 1656.

Sob a prescrição da excomunhão, que está presente em Deuteronômio 28, Spinoza tornou-se “maldito ao levantar e ao deitar, ao sair e ao entrar, no amanhecer e no entardecer, maldito foi o dia em que Deus lhe deu a vida e maldita será a hora de sua morte”. E assim, todos os membros da comunidade judaica deveriam evitá-lo, não sendo permitido nem ao menos dirigir-lhe a palavra. Sob tantas maldições, Spinoza abandonou o nome judaico Baruch e passou a utilizar seu nome em latim: Benedictus de Spinoza. Em pouco tempo, tornou-se conhecido como um dos grandes racionalistas da filosofia moderna, escreveu sobre Teoria do Conhecimento, Ética, Metafísica, Política, Teologia, elaborou uma Gramática

Hebraica e ministrou aulas particulares a seletos doutores da sociedade holandesa. Além disso, Spinoza, por ter um vasto conhecimento das Escrituras Sagradas e conhecer de berço a língua hebraica, foi o primeiro a realizar uma exegese das Sagradas Escrituras, analisando o significado de algumas palavras, o estilo literário e seu contexto histórico.

Seu método exegético é exposto em um de seus livros que tem por título *Tratado Teológico Político*. A *Ética*, por sua vez, é a espinha dorsal que sustenta todas as suas ideias, e é nela que encontramos de forma mais concreta a sua filosofia, que pode ser entendida na seguinte frase: “*Deus sive Natura*”. Devido a essa afirmação e às suas consequências, suas obras permaneceram durante anos no *Index* de obras proibidas da Igreja Católica Apostólica Romana.

Deixemos um pouco Spinoza e seu “*Deus sive Natura*” de lado e falemos sobre o *Tratado Teológico Político*. O presente texto tem por objetivo apontar três momentos em que as afirmações de Spinoza nesse tratado causam tanta polêmica e fazem com que lhe seja atribuído o adjetivo de herege, entre outros. Não faltam motivos para que os mais fervorosos cristãos leiam o *Tratado Teológico Político* com desprezo. Logo nos primeiros capítulos dessa obra, Spinoza nos alerta para os perigos do antropomorfismo, ou seja, quando atribuímos características que são essencialmente humanas a Deus. É comum identificar como antropomorfismo o que acontece com a clássica religião grega, que dava formas totalmente humanas aos seus deuses, sendo como único sinal de suas divindades os poderes e as habilidades infinitamente potencializadas, bem como o gozar da vida eterna, ou seja, a imortalidade. Por exemplo: o deus Poseidón é um deus ao qual os navegantes oravam por *ventos* favoráveis e viagens seguras, mas seu humor era imprevisível. Apesar dos *sacrifícios*, que incluíam o afogamento de cavalos, ele podia provocar *tempestades*, maus ventos e *terremotos* simplesmente por capricho. Ou seja, nada lhes era diferente do caráter humano, tendo inclusive seus erros mais fúteis.

O que Spinoza nos alerta é que essa tendência ao antropomorfismo talvez não estivesse apenas no mundo clássico dos gregos, estava presente no judaísmo e no cristianismo de sua época, pois, embora seja pronunciado aos quatro cantos da Terra frases como: “Deus não é homem para que minta nem filho do homem para que se arrependa” ou mesmo: “Deus é Espírito”, ainda no cristianismo de nossos dias, principalmente o protestante neopentecostal, tem inserido cada vez mais o caráter humano na divindade. O que Spinoza aponta é que as próprias Escrituras Sagradas e o entendimento humano não têm como se esquivar do antropomorfismo, portanto devemos estar atentos aos riscos que ele provoca na nossa formação teológica, na fé e na noção de Deus como ser de todas as coisas.

I. SOBRE A FALSA SOBRENATURALIDADE DOS PROFETAS

O *Tratado Teológico Político*, também conhecido como TTP pelos pesquisadores de Spinoza, foi escrito, sobretudo, para separar a filosofia e a religião, bem como a religião da política. De acordo com nossa leitura, nos treze primeiros capítulos, Spinoza faz uma análise do Velho Testamento a fim de identificar, entre outras coisas, os traços de antropomorfização realizados pelos profetas. O método utilizado nesta obra não é o mesmo e famoso método utilizado na *Ética*, pois a *Ética* obedece à ordem dos geometras, e, nesta obra, Spinoza utiliza o racionalismo histórico, que consiste em analisar racionalmente a história dos Hebreus narrada nas escrituras do Velho Testamento com base principalmente em uma análise etimológica e filológica dos principais termos¹.

Spinoza inicia essa obra afirmando, no prefácio, que os homens estão sempre oscilando entre dois sentimentos: o medo e a esperança, e que é justamente pelo medo que se origina e se sustenta todo tipo de su-

1 De acordo com a obra *O método racionalista histórico em Spinoza*, escrita por Alcântara Nogueira e publicada pela editora Mestre Jou em 1976.

perstição. De acordo com o prefácio, o medo e a superstição fazem com que “A vã sabedoria humana, os delírios da imaginação, os sonhos e as extravagâncias infantis pareçam-lhes respostas divinas.” (ESPINOSA, 2004, TTP, p.126.) De sorte que não há nada mais eficaz para controlar uma multidão do que utilizar a superstição e o medo.

O primeiro capítulo da obra se chama Profecia ou Revelação, que, segundo Spinoza, é o conhecimento certo de alguma coisa revelada por Deus aos homens. Ao longo do capítulo, ele explica que a revelação só pode acontecer por intermédio de duas vias: 1) ou pela palavra ou 2) por meio de imagens. As duas formas de revelação são chamadas por Spinoza de imaginação, e, para ele, é um dos meios de conhecimento mais confusos e o que mais provavelmente nos conduz ao erro. O filósofo afirma que Deus revela aos profetas, por meio da imaginação, coisas que excedem o entendimento humano, e, por isso, os profetas sempre transmitiam suas mensagens através de parábolas ou enigmas que, às vezes, nem eles mesmos conseguiam entender. Além disso, essas imagens ou revelações sempre se exprimiam sob alguma forma corpórea, por exemplo, Miquéias vê Deus sentado num trono, Daniel o vê como um ancião que vestia branco, Ezequiel, como uma chama, e os discípulos de Jesus, no Novo Testamento, viram o Espírito Santo com a forma de uma pomba.

Logo, os profetas (homens de viva imaginação) recebem a revelação divina de maneira sempre confusa, pois as profecias variam em função da imaginação ou do temperamento de quem as recebe. Por isso, a profecia só tinha validade depois de algum sinal para que o profeta tivesse certeza de que era Deus quem estava lhe dizendo algo. Os próprios profetas, por terem a imaginação frequentemente ativa, pediam a confirmação de Deus, por exemplo, Abraão Gn 15, 8. Até mesmo Moisés, que é para os judeus o maior de todos os profetas, pediu um sinal de Deus e ensina, em Deuteronômio capítulo 8, que os profetas devem cobrar sempre de Deus um sinal para a confirmação da profecia, porém, como o sinal era dado em particular ao profeta o povo precisava de outro critério para reconhecer

um profeta como verdadeiro e o obtinha por meio de julgamento moral. Os profetas precisavam ser pessoas dignas, piedosas, honradas e justas.

Ao analisar as escrituras, Spinoza percebe que as profecias ao povo de Israel variavam conforme o temperamento do profeta. Com efeito, se o profeta era uma pessoa alegre e de ânimo constante, suas profecias eram sobre vitórias, bênçãos e etc., mas se ele era triste, suas profecias anunciavam guerras, fomes e outros males. Da mesma forma, se era um homem do campo, a mensagem de Deus lhe apreciava através de animais, bois, cavalos etc., mas se era um soldado, tinha visões com exércitos. Se era alguém da corte, por sua vez, via reis, coroas e tronos.

Alguns exemplos nas Sagradas Escrituras do que podemos chamar de revelação direcionada são o nascimento de Jesus, que é anunciado por meio de uma estrela que vai do Oriente ao Ocidente aos três reis magos que estudavam e entendiam de astronomia; Jeremias, que tinha um profundo tédio na alma e que só profetizou calamidades para Israel; e Amós e Ezequiel, que eram homens do campo e suas revelações em nada parecem com as de Isaías, que era um homem elegante. Todos esses exemplos nos servem para mostrar primeiramente duas coisas. A primeira é que Deus não parece ter nenhum estilo próprio, que lhe seja peculiar, que seja imutável ou que demonstre uma certa personalidade única e contínua. Ele se manifesta como um ser elegante, rude, severo, amável, obscuro ou misericordioso conforme o humor e o coração do profeta, pois, enquanto Isaías, homem culto e de estudos elevados, tinha visões de serafins com seis asas, Ezequiel via apenas animais de quatro patas em suas revelações. Da mesma forma, Isaías vê Deus num trono, tal como vê diariamente os reis com quem convive, e Ezequiel vê apenas uma chama. Para Spinoza, certamente ambos viram Deus, conforme a imaginação de cada um. A segunda é que o povo, aqueles que não tinham nenhum dom e por isso nenhum relacionamento próximo com Deus, ou seja, a comunidade hebraica de um modo geral, tinha mais conhecimento da imaginação e do temperamento do profeta do que acerca de Deus. (ESPINOSA, 2004, TTP, p. 149.)

Assim, Spinoza conclui que as profecias, que geralmente acontecem ao longo do Velho Testamento por meio de imagens, podem ser tanto verdadeiras quanto falsas. Com efeito, ele afirma que “estão, portanto, no caminho errado aqueles que procuram a sabedoria e o conhecimento, quer das coisas naturais, quer das espirituais, nos livros dos profetas.” (ESPINOSA, 2004, TTP, p. 149.) Eis, então, o que queremos assinalar como a primeira grave heresia de Spinoza: afirmar que não havia nos profetas nada de especial que os diferenciasse dos demais homens, a não ser uma imaginação bastante aguçada, e que as revelações divinas revelavam mais sobre os próprios profetas do que sobre a natureza de Deus.

II. SOBRE A VERDADEIRA NATUREZA DE DEUS E DOS MILAGRES

Voltemos para a mais famosa afirmação de Spinoza: “*Deus sive Natura*”. Com essa frase, compreenderemos mais facilmente o que Spinoza propõe com sua filosofia. Em resumo, a natureza se divide em *Natureza Naturada*, da qual fazem parte as cadeiras, a mesa, o chão, o teto, e todas as coisas particulares ou singulares; e a *Natureza Naturante*, aquilo que garante que essas coisas existam, aquilo que as produz, ou seja, Deus. Mas, então, qual o sentido de dizer que Deus é Natureza? Para Spinoza, é absurdo que Deus exista e crie coisas que não façam parte dele mesmo; se ele existe, é porque tudo o que existe deve existir nele. (cf. SPINOZA, 2008, EI, P XXIX, esc., p. 53). Assim, todas as coisas participam de sua essência. Para compreender melhor essa teoria, é preciso estudar a primeira parte da *Ética*. Ao lermos com cuidado essa obra, vai ficando claro que o Deus de Spinoza é um Deus único, que existe e que age exclusivamente pela necessidade de sua natureza, que é a causa livre de todas as coisas.

No prefácio, Spinoza diz que Deus produz de si mesmo todas as coisas por sua absoluta potência, e não tem nenhuma causa final, ou seja, Deus não fez todas as coisas em função dos homens como erroneamente pensam os judeus e os cristãos. Acreditar que Deus criou todo o Universo

e tudo o que nele contém com o único objetivo de ter para o homem, sua criação amada, todas as condições possíveis para que este goze de uma vida perfeita é mais uma consequência do antropomorfismo, pois são os homens que sempre fazem algo visando um objetivo final, uma gratificação, um salário, um retorno ou pensando como tais coisas lhes possam ser úteis. [cf. SPINOZA, 2008, E IV, Prefácio, p. 263]. Os homens observam a natureza da seguinte forma: olhos são órgãos para ver, dentes para mastigar, animais e vegetais para alimento, o Sol para iluminar, o mar para fornecer peixes etc. Acreditam que toda a harmonia do universo compõe uma única canção, e que esta canção é exclusivamente para agradá-los. Além disso, essa doutrina antropomórfica suprime a perfeição de Deus, pois se ele age e cria em função de um fim, ou seja, para que ele seja louvado pelo homem, significa que isso lhe apetece e que lhe falta, logo isso é absurdo. Deus se autoproduz em função de si mesmo e não em função dos homens ou de qualquer outro ser finito. Na perspectiva spinozista, de *Deus sive Natura*, o homem não ocupa nenhum lugar privilegiado entre os demais seres finitos.

Spinoza escreve, na quinta parte de *Ética*, que Deus está livre das paixões e que não é afetado de qualquer afeto de alegria ou de tristeza. As paixões são, para Spinoza, alterações do ânimo ou na conservação do ser, é a passagem de uma perfeição maior para uma menor ou de uma perfeição menor para uma maior. Logo, Deus, que é absolutamente perfeito, não pode sofrer nenhuma alteração na sua potência de existir e nem ser modificado por qualquer coisa que seja, pois não tem como ser mais perfeito do que já é nem tão pouco tornar-se menos perfeito. Disso, Spinoza conclui que Deus não ama nem odeia ninguém, pois não se alegra e nem se entristece, e, em Spinoza, tanto o amor como o ódio são decorrências desses afetos primários. Assim, o autor recomenda, na proposição dezanove da quinta parte da *Ética*, que quem ama a Deus não deve se esforçar para que o Deus também o ame.

Deus é a própria Natureza, e não há nenhum ser além da natureza a quem possamos chamar de Deus. Nessa perspectiva do Deus spinozista, o milagre é uma contradição. O vulgo chama de milagre os fatos incomuns da natureza, ou seja, aquilo que altera sua ordem natural e que é capaz de burlar suas leis. Acreditar em Deus por meio dos milagres é imaginar que Deus só age para contrariar a natureza e que Deus e a Natureza são duas potências distintas. Percebe-se, porém, que a satisfação dos homens se dá ao imaginarem que Deus muda as leis da natureza em seu favor, assim, também imaginam que Deus os ama mais do que a tudo e que são a causa final de toda a criação. Para os homens comuns, não existe prova mais clara da existência de Deus que o fato de a natureza não manter a sua própria ordem, o que para Spinoza seria absolutamente o contrário, pois, se a natureza não mantivesse uma ordem fixa, nada garantiria a existência de Deus. É o capítulo VI do *Tratado teológico-político* que trata sobre os milagres, no qual se encontra a segunda heresia de Spinoza ao afirmar que os milagres são apenas fatos extraordinários que causaram admiração nos homens porque estes ignoram suas causas; eles não são demonstrações de Deus agindo na natureza, pois Deus jamais pode ir contra suas próprias leis.

A partir, pois, do facto de nada acontecer na natureza que não dependa das suas leis, de estas se estenderem a tudo o que o entendimento divino concebe e de, finalmente, a natureza manter uma ordem fixa e imutável, resulta claro que a palavra milagre só pode ser entendida relativamente às opiniões humanas e não significa senão um facto cuja causa natural não podemos explicar (ou, pelo menos quem escreve ou narra o milagre não pode explicar) por analogia com uma outra coisa que ocorre habitualmente. [...] E não há dúvidas que nas Sagradas Escrituras se descrevem como milagres muito factos cujas causas podem facilmente explicar-se pelos princípios que se conhecem das coisas naturais. (SPINOSA, 2004, TTP, p. 206)

Spinoza compreende que as leis da natureza são os decretos de Deus. Logo, na natureza, nada pode acontecer que seja contrário às suas

leis universais. “Por essa razão, nos Livros Sagrados, não pode entender-se por milagre senão um facto natural que ultrapassa ou é suposto ultrapassar a compreensão humana.” (ESPINOSA, 2004, TTP, p.209.) Com efeito, percebemos que as leis da natureza se estendem ao infinito e são concebidas por nós sob uma certa espécie de eternidade. É um erro acreditar que os fatos que são aparentemente estranhos e inexplicáveis comprovem a existência de Deus; na verdade, são exatamente essas leis e a sua ordem fixa e imutável que expressam a infinitude, a eternidade e a imutabilidade de Deus.

III. SOBRE A TEOLOGIA E A INUTILIDADE DE SEUS DOGMAS

No capítulo XIV do TTP, Spinoza se esforça por definir o que ele compreende, com base nas Escrituras, por fé a fim de separá-la definitivamente do saber filosófico. A fé é definida por ele como “o pensar acerca de Deus aquelas coisas que, se forem ignoradas, desaparece a obediência a Deus e que, pressuposta esta obediência, elas têm necessariamente de se pressupor também.” (ESPINOSA, 2004, TTP, p.309.) Conforme Spinoza, o objetivo das Sagradas Escrituras é ensinar a obediência. Ademais, ele reforça que a fé por si mesma não salva, pois, a fé sem obras é morta, e afirma que ninguém pode ser considerado fiel ou infiel senão pelas obras. Logo, esse é o único critério para reconhecer se alguém é fiel ou não a Deus. Se as obras que essa pessoa pratica forem boas, é porque ela é fiel, mas, se foram más, demonstram a sua infidelidade. Portanto, a fé não exige tantos dogmas verdadeiros e sim dogmas piedosos, que tornem os homens obedientes. Por fim, ele encerra o capítulo afirmando que, entre a fé, ou teologia, e a filosofia, não existe nenhuma relação nem mesmo afinidade. O objetivo da filosofia é a verdade, o da fé é apenas a obediência e a piedade. Não obstante, sendo os homens obedientes e servos ou sendo os homens livres e sábios, eles chegarão basicamente à mesma lei divina que é universal e inata: a lei que ensina que não há nada mais útil ao homem do que outro homem ou, para falar em termos religiosos, que ensina a amar ao próximo como se fosse a si mesmo.

O capítulo xv da mesma obra inicia-se com uma crítica à teologia e faz uma distinção entre esta e a filosofia. Segundo Spinoza, existem homens que não sabem separar a filosofia da teologia; eles acreditam que a razão ajuda a compreender as Escrituras e, por isso, são seres delirantes por excelência: primeiro eles deliraram com os gregos (Platão e Aristóteles) e depois deliraram com os profetas. Os teólogos não podem jamais ser considerados como sábios, pois a Escritura não tem como escopo formar homens sábios, mas apenas homens tementes a Deus, ou seja, obedientes. O amor ao próximo é, então, a única forma daqueles que, apesar de não conhecerem a essência de Deus, possam seguir o seu principal mandamento e assim ser fiéis a Ele.

Spinoza defende que, embora religião e filosofia sejam coisas completamente distintas, pois se ocupam de coisas diferentes e, por isso, não podem interferir no objeto uma da outra, no fim das contas, tanto a religião quanto a filosofia ensinam a mesma coisa: a primeira por meio da revelação e da obediência para homens que são apenas fiéis, e a segunda por meio da sabedoria racional para homens que são livres. Filosofia e religião são duas coisas completamente distintas, mas ambas são necessárias, pois atendem públicos distintos. A religião leva os homens por meio dos afetos a um princípio de caridade, que é racional e a filosofia demonstra, pelos olhos da mente, o quanto esse mesmo princípio é fundamental para aumentar a potência e conservar o *conatus*. A teologia é justamente o esforço errôneo dos homens de tentar misturar as duas coisas. Tentam submeter ao exame da razão coisas que só operam por meio da imaginação, ou seja, esperam criar verdades universais baseadas em narrativas imaginárias e, assim, criam apenas dogmas inúteis que nada servem para o bem-estar humano, senão para causar desentendimentos e conflitos. E, como resultado dessa prática, os homens praticam mais o ódio uns com outros do que o amor, que é o principal mandamento divino.

Certamente que, se eles tivessem uma centelha que fosse da luz divina, não tolejariam com tanta soberba, aprenderiam a honrar a Deus e

distinguir-se-iam os outros pelo amor, da mesma forma que agora se distinguem pelo ódio. Nem perseguiriam com tanta animosidade os que não partilham das suas opiniões, pelo contrário, sentiriam piedade deles, se é de facto, a salvação alheia e não a própria fortuna que os preocupa. (ESPINOSA, 2004, TTP, p. 120)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Um livro forjado no inferno*, de Steven Nadler, relata a recepção odiosa que teve o TTP entre os diversos religiosos, bem como faz uma análise profunda para compreender todas as afirmações que levam Spinoza a ser tão odiado. De acordo com Nadler, a conclusão mais ousada e mais influente de Spinoza no TTP é dar a entender que as Sagradas Escrituras não passam de uma obra de literatura. O que Spinoza pretendia, segundo o comentador, era “libertar as mentes dos indivíduos da superstição e as vidas dos cidadãos da autoridade clerical. Sua meta é uma sociedade democrática tolerante formada por indivíduos cujos atos sejam guiados pela verdadeira religião – a religião moral.” (NADLER, 2013, p.54)

Para concluir, relembremos que o filósofo, apesar de ter sido educado nas sinagogas judaicas e de ter dedicado anos de sua vida a essa formação, não é um teólogo, pois não tem como limite do verdadeiro e do falso as palavras contidas nas Sagradas Escrituras, e ao mesmo tempo não é um cético, pois também não nega as verdades contidas nessa obra. Ele apenas tenta analisar, de forma racional, os fundamentos da fé e da religião, com base em uma leitura detalhada e minimalista do livro que influencia as mentes mais supersticiosas e que tem sido, por tantos anos, a principal referência teórica e a origem de tantos poderes teológicos-políticos que ameaçaram e ameaçam a liberdade política e filosófica. E, portanto, é fácil compreender por que o TTP foi considerado pelos teólogos como “máquina infernal escrita pelo próprio diabo”, como bem nos lembra Nadler. (NADLER, 2013 p. 11.)

TRACTATUS THEOLOGICO-POLITICUS: SPINOZA AND HIS HERESIES

ABSTRACT: This paper aims to stress some reasons why Spinoza was regarded as a heretic. We believe that the three main reasons that motivate this interpretation of his thought can be found more explicitly in his *Tractatus Theologico-Politicus* than in his main philosophical work, *Ethics*. Moreover, *Tractatus Theologico-Politicus* reached the simple people more than other works, for it was Spinoza's aim that it would have the broadest possible reach and had influence on the political and religious scenery of his time. Meanwhile the *Ethics* remained private in the hands of his friends and closer readers.

KEYWORDS: Spinoza; Philosophy; Religion; Theology; Heresy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- SPINOZA, B. (2008). *Ética*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- GOLGHER, I. (1991) *O universo físico e humano de Albert Einstein*. Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- NADLER, S. (2013) *Um livro forjado no inferno*. São Paulo: Três Estrelas.
- NOGUEIRA, A. (1976) *O método racionalista histórico em Spinoza*. São Paulo: Mestre Jou.
- ESPINOSA, B. (2004) *Tratado Teológico Político*. 3ed. INCM: Lisboa.